

“Lembro até hoje...”: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/docência

“I remember until today...”: reflections on motivations for entry and exercise of teaching

Sílvia Adriana Rodrigues

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul– UFMS

Três Lagoas –Mato Grosso do Sul- Brasil

Alberto Albuquerque Gomes

Leandro Aparecido de Souza

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Presidente Prudente – São Paulo-Brasil

Resumo

O presente artigo traz um recorte da pesquisa coletiva que objetiva compreender as características constituintes da profissionalidade e da identidade docente a partir de narrativas autobiográficas, utilizando cartas como instrumento de obtenção das informações. Aqui são expostas as reflexões, surgidas no exercício de análise, sobre as motivações para escolha da docência como primeira opção de ocupação profissional. A narrativa tomada como referência mostra as condições concretas de existência modelando o caminho profissional a ser tomado; por outro lado, também traz elementos para se pensar que os meandros da identificação com a docência não se desdobram somente no espaço de aprendizagem formal para o exercício profissional.

Palavras-chave: Histórias de formação; Identificação com a docência; Profissão professor(a).

Abstract

This article presents a clipping of the collective research that aims to understand the constitutive characteristics of professionalism and teacher identity from autobiographical narratives, using letters as an instrument for obtaining information. Are presented the reflections that emerged in the analysis exercise about the motivations for choosing teaching as the first choice of professional occupation. The narrative taken as a reference, shows the concrete conditions of existence shaping the professional path to be taken; on the other hand, it also brings elements to think that the intricacies of identification with teaching do not unfold only in the formal learning space for professional practice.

Keywords: Formation stories; Identification with teaching; Teaching profession.

Introdução

Creemos que o exercício de trabalhar com narrativas exige, daqueles que se propõem a fazê-lo, atenção para vários aspectos relacionados aos diversos sujeitos coparticipantes da história a ser narrada. Assume-se um compromisso não somente com aqueles que dividem suas histórias, mas também com aqueles que acessarão os escritos.

Portanto, quando nos propomos a redigir um texto temos em mente querer alcançar leitores de uma forma pontual e ao mesmo tempo prolongada; esperamos redigir algo que de fato seduza desde os primeiros momentos da leitura e que continue provocando no leitor sensações de descoberta e de interesse contínuos. Foi com esse objetivo que optamos por registrar, na forma de um ensaio acadêmico, nossa primeira experiência de análise de dados narrativos.

Há cerca de dois anos, nosso grupo de pesquisaⁱ, desde longa data envolvido com o tema formação de professores para a educação básica, optou por redirecionar suas investigações para discutir a temática trabalhando com memórias de professores(as).

Nesse processo iniciamos uma sequência de leituras buscando inteirarmo-nos sobre essa maneira de pesquisar, essa nova forma de produzir e analisar dados, para consolidarmos um caminho e “escavar” o terreno metodológico que ainda nos era desconhecido. Neste percurso nos deparamos com diferentes possibilidades - histórias de vida, narrativas, autobiografias etc. - obtidas de diferentes formas - escritas de diários ou cartas, visuais e ainda orais.

Decorreu optarmos pela narrativa, por estarmos convencidos de que ela “[...] é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores [...]” (BRUNER, 2002 *apud* PAIVA, 2008, s. p.). Entendemos então que ela contém, entre outros elementos, o fato (objeto da narração), o tempo (quando acontece), o local/lugar (onde acontece) e os personagens/participantes ou observadores da ação (quem participou ou testemunhou), atendendo assim nosso propósito investigativo.

Buscando ainda garantir que nossos informantes ficassem mais à vontade na externalização de suas histórias, optamos por usar narrativas escritas, entendendo que na escrita professores/professoras pudessem se manifestar mais livremente na contação de suas experiências pessoais e profissionais; outra hipótese foi a de que os/as participantes poderiam mais claramente “se enxergar” na própria história escrita.

Da mesma forma, decidir pela utilização de cartas como instrumento para recolha das narrativas se deu porque, conforme aponta Soligo (2018, p. 71), “[...] a carta é um texto democrático, flexível, que admite contravenções e pode abrigar qualquer tipo de conteúdo”; além de ser, conforme a mesma autora, uma composição textual que tem um enorme potencial, haja vista o predomínio de uma “narrativa hospitaleira”.

Assim definimos nosso caminho, conscientes de que ele ainda está em construção, sujeito a alterações e correções de rumo. Neste sentido, apresentamos a primeira experiência do grupo com a pesquisa narrativa, que traz como pano de fundo reflexões sobre as motivações para a escolha da docência como primeira opção de ocupação profissional de uma das participantes de nossa investigação, ainda em andamento.

Procedimentos metodológicos do estudo

A pesquisa, da qual este artigo é substratoⁱⁱ, tem como intento metodológico básico conhecer os sujeitos (docentes) no seu processo de construção profissional a partir de sua própria perspectiva. Acreditamos que o sujeito ao reconstruir sua trajetória o faz a partir de uma dupla dinâmica: a do seu percurso de vida e a dos significados que lhe atribui (DOMINICÉ, 2010); nesta direção, Sarmiento (2013, p. 238) indica que “[...] o narrador põe em evidência o modo como mobiliza os seus conhecimentos, as suas energias, para ir dando fórmula à sua identidade, num diálogo com os contextos que habita”.

Assim, tendo em vista o objetivo de compreender as características constituintes da profissionalidade e identidade docente, elegemos como participantes do estudo professores(as) atuantes na educação básica e no ensino superior. A carta foi estabelecida como estratégia/instrumento para a obtenção das narrativas, não somente pelas razões anunciadas anteriormente, mas também porque entendemos que, além de valorizar as singularidades do escritor, ela se configura como uma possibilidade de conversa realizada a dois de forma peculiar - um “documento” que está impregnado por temas da vida (PORTAL, 2012).

A experiência aqui relatada teve início com o envio de um convite a docentes atuantes em três municípios distintos de duas regiões brasileiras. Em seguida, uma carta foi enviada aos profissionais que aceitaram colaborar com a pesquisa. A carta os convida a responderem contando um pouco de sua história pessoal, de sua trajetória formativa,

“Lembro até hoje...”: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/da docência

questões envolvendo aspectos de suas vivências como alunos da educação básica, da formação inicial/continuada para o magistério e de sua trajetória profissional.

No que diz respeito ao tratamento das informações temos buscado evidenciar as particularidades, singularidades e a complexidade de cada narrativa, levando em consideração a realidade concreta de cada participante, bem como os sentidos particulares atribuídos, as explicações e os argumentos apresentados (REIS, 2008). Assim, na análise dos dados o exercício empreendido é o de elucidar os discursos para além de sua aparência, não só na busca de sua essência, bem como no entendimento da condição recíproca de sua existência, as cadeias de sentidos que se materializam, ou não, nos ditos.

Tal exercício tem sido realizado com o propósito de compreensão e não de explicação das informações obtidas, procurando identificar, no conteúdo das narrativas, elementos que sinalizem sobre os sentidos dados à sua trajetória de formação, trajetória profissional, motivação para ingresso na profissão, identificação com a docência, imagens da profissão docente, além das memórias mais significativas, ou seja, elementos que “saltam” das narrativas e que não foram pensados *a priori*. Cabe salientar que os itens informados são tomados como norteadores básicos da leitura das cartas e não como unidades comparativas de análise, pois não há o intento de comparar as narrativas.

Esclarecidos nossos propósitos de investigação, a seguir apresentamos recortes da carta oferecida pela participante Ângelaⁱⁱⁱ, especificamente os trechos que nos permitiram refletir sobre as motivações para ingresso e permanência na carreira docente, e nossas impressões construídas coletivamente.

Com a palavra: Ângela!

A protagonista, cuja carta nos propomos apresentar e discutir reflexivamente, é uma jovem professora, como a própria indica: “[...] sou bem nova, apenas trinta e cinco anos de idade, dos cem que ainda gostaria de viver”; e sua narrativa é bastante envolvente. No momento de escrita da carta (no ano de 2018, para sermos precisos), Ângela atuava como professora há dez anos, dos quais três anos e meio no Ensino Fundamental I, depois ingressando no Ensino Superior, onde permanece. Sua trajetória foi permeada por eventos que alteraram seus desejos e marcaram suas escolhas de formação e atuação profissional. Em suas palavras:

Eu na infância, nunca quis ser professora, mas acredito que toda minha trajetória escolar e pessoal direcionou-me para a docência.

[...] No início do Ensino Médio eu queria ser engenheira eletrônica ou bancária, depois fui desistindo dessas profissões.

Terminado o Ensino Médio, meu sonho era fazer faculdade em uma escola pública. Prestei vestibular em uma universidade para o curso de Letras, mas não passei, então decidi estudar mais um ano e prestar novamente, porém os acontecimentos pessoais em minha vida não me permitiram...

[...] ao término do Ensino Médio, perdi minha mãe, e acredito que sofri um amadurecimento precoce, e tive que fazer opções diferentes das planejadas, tendo que trabalhar para me sustentar.

Meu sonho de cursar universidade pública esfarelou, pois o curso que eu queria só tinha em outras cidades, e eu não poderia mudar, pelo menos não naquela época, pois tinha minha irmã com apenas cinco anos, a qual prometi para minha mãe que cuidaria. [...] adiei a vontade de fazer faculdade, pois não tinha dinheiro para pagar uma e não iria mudar de cidade para cursar escola pública.

Meu foco mudou para estudar para concursos, na área de Direito, inclusive projetava cursar Direito futuramente. Nessa época, passei em um concurso público da Prefeitura [...] para o cargo de escriturária e fui nomeada para trabalhar em uma creche ou Centro de Educação Infantil, como se chama hoje. [...] Foi lá que meus planos mudaram totalmente [...]. (Excertos da carta de Ângela).

Observamos no discurso de nossa protagonista que, embora não o declare de forma explícita, sua origem é humilde, o que, aliado aos eventos particulares relatados, inicialmente consistiu em obstáculo para concretizar seus planos iniciais, um fator que a fez traçar um novo caminho. Sua trajetória marcada por “bifurcações” não é diferente de uma grande parte dos profissionais docentes que atuam em diferentes níveis de ensino, que de início almejam um futuro profissional fora da docência; fato já demonstrado em outros estudos acerca das motivações para o exercício da docência e mesmo dos que buscam traçar o perfil dos profissionais atuantes nessa área.

A marca pessoal, de forte vínculo afetivo com a falecida mãe e a pequena irmã órfã, “tira-lhe de sua reta” e a coloca “na escola”. E, entrar na escola, ainda que não seja como professora, desperta-lhe para a docência como opção profissional...

[...] Foi lá que meus planos mudaram totalmente, aquele trabalho foi mais uma terapia que um emprego. Tenho muitas saudades de todas aquelas manhãs em que recebia inúmeros sorrisos inocentes de crianças falando: “Bom dia, tia Ângela”, como era mágico trabalhar com aquelas crianças, vê-las desenvolverem, crescerem, aprenderem. Quando ingressei para trabalhar nesta creche fazia poucos anos que o Departamento de Creches havia deixado de pertencer à Secretaria de Assistência Social e fazia parte da Educação, então na parte administrativa da escola, tinha a Coordenadora de Creche (hoje

“Lembro até hoje...”: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/da docência

denominada Diretora de CEI), eu escriturária e uma Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, que era como uma coordenadora pedagógica. Como éramos poucas, a Diretora permitia minha participação em projetos pedagógicos e minha interação com as crianças, foi onde me apaixonei pela educação e tive a certeza que era o que eu queria; decidi então cursar Pedagogia... (Excertos da carta de Ângela).

A imersão no universo das crianças permitiu que nossa jovem professora encontrasse um novo sentido para sua vida profissional. Consideramos importante salientar o que nos saltou aos olhos nessa narrativa em termos de “paixão pela educação e pela docência”; a carta é toda “recheada” de encantamento pela educação e por um respeito à figura e ao papel do(a) professor(a), que refletimos, foi construindo na jovem escriturária, sem mesmo ela perceber, o “gosto” por ser professora.

O relato mostra de forma clara que, conscientemente, em Ângela não havia uma motivação evidente para ser professora; por outro lado, as imagens construídas da profissão professor(a), a partir de sua experiência escolar em diferentes níveis de ensino, foi, aos poucos, promovendo uma aproximação e um crescente encantamento com o papel das(os) professoras(es). As experiências escolares vivenciadas de forma positiva foram significativamente importantes para a mudança gradual da sua visão de mundo, de si mesma e de sua inclinação profissional.

Nas experiências escolares relatadas por Ângela, testemunhamos o grande apreço e afeto pelos primeiros professores.

Mas voltando à primeira série, turma da professora Elza, da qual lembro muito mais que o nome, uma professora encantadora que me fazia adorar a escola. Quando fecho os olhos consigo reviver os momentos de músicas, teatro aliados a leitura que ela desenvolvia. Hoje, enquanto professora, consigo perceber a importância daqueles momentos e os reconheço como bases fortes de minha aprendizagem e de meu gosto pelos estudos e leitura.

Lembro até hoje de todos, do Getulino, de Matemática, que explicava, explicava, brincava com a turma, mas era extremamente sério ao cobrar aprendizagem; a professora Dayse de Inglês, sempre serena; a professora Cidinha de Ciências, atenciosa; a dona Cida de Geografia, a exigente, brava, mas que me ensinou muito; a professora Heloisa de Português, um pouco doida, mas muito amiga, até nos recebia em sua casa; o Professor David de História, inteligente e exigente, foi o primeiro professor que trabalhou com pesquisa de campo com a turma, lembro até hoje das andanças que fizemos pelo bairro todo pesquisando as informações industriais, foi tão marcante que lembro até hoje que a minha pesquisa se desenvolveu em 24 empresas; e por último, a professora Vânia de Educação Física, que trabalhava além das aulas, ensaiando danças com a gente para apresentações nas festas da escola.

Depois, no Ensino Médio, continuaram alguns dos professores citados e vieram outros, dos quais não posso deixar de citar a professora Ivanda, que até hoje faz parte de minha vida. Ela era uma excelente professora, todos aprendiam

com ela e não apenas tiravam notas, aliás acho que era umas poucas matérias que ninguém me pedia cola, pois compreendiam as explicações. Com ela era só prestar atenção nas explicações e não faltar que você compreendia todo o conteúdo; ela despertava nosso interesse pela aula, além de ser uma figura, amiga de todos, extrovertida e bem sincera, falava diretamente sem rodeios o que queria. Lembro até hoje dos comentários dos alunos: “na aula da Ivanda eu aprendo, por isso não vou mal, mas nas outras, não” Quando eles se referiam às “outras” a principal era Matemática, afinal não tínhamos mais o Getulino. (Excertos da carta de Ângela).

A consciência que as diferentes experiências escolares, vivenciadas como estudante, marcaram de forma bastante significativa sua escolha profissional é assinalada de forma clara na carta de Ângela pela expressão recorrente em sua narrativa: “Lembro até hoje...”. Estes indicativos nos fizeram concluir, conforme já apontado em outra escrita de nosso grupo, que

[...] a escola, quase uma espécie de “bioma”, gesta, produz e reproduz características da profissionalidade do(a) profissional que a integra, concebendo-se como um lugar de elaboração de identidades profissionais, seja para o(a) professor(a) da infância, da juventude ou da vida adulta. É preciso investigar cuidadosamente, mas as narrativas de professores(as), não apenas a de Ângela, indicam que as experiências vivenciadas no “bioma” escolar possam ser portadoras do embrião da profissão docente (SOUZA et al., 2019, p. 8).

Por um outro viés, para nós, não ficou muito claro se foi o exercício de escrita da carta que provocou tal conclusão em Ângela, ou se ela já existia antes que a narrativa fosse colocada no papel... Sobre esta questão, apesar de nossa dúvida expressa, há a necessidade de destacar o potencial formativo da narrativa; é importante reafirmar, ainda que esse não seja, no momento, o foco de nossa ação no interior do grupo, o que outros estudos já evidenciaram: que o ato de narrar episódios, descrever pessoas ou a si mesmo é um desafio, mas também uma experiência reveladora e desveladora dos sentidos pessoais e profissionais da docência. Josso (2007, p. 419) discorrendo sobre o potencial da abordagem biográfica afirma que:

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação.

Aproximando tal argumento da temática deste artigo, o “narrar-se” evidencia as motivações para a docência e, particularmente, o germe delas, não só para o “escutador”/pesquisador, mas também para o ator/protagonista da história:

Dos anos finais do Ensino Fundamental, trago muitas recordações... De início relato que fiz muitos amigos, os quais perduram até hoje... Os professores

“Lembro até hoje...”: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/docência

daquela época marcaram muito minha vida também, pois foi nessa época que minha irmã nasceu e minha mãe ficou mais de um mês internada, devido a isso os professores se aproximaram muito de mim, tinha uma que todos os dias perguntava: “e aí Ângela como foi o dia hoje, e sua irmãzinha?”. O mais curioso é que justamente essa professora era a mais brava da turma e quase todos os alunos não gostavam muito dela, mas toda aquela preocupação comigo a transformava e até os alunos mudaram um pouco o conceito sobre ela, nossa que saudades... Acredito que depois da professora Elza os professores desta época também contribuíram para a escolha da minha profissão. (Excertos da carta de Ângela).

O trecho, anteriormente destacado, leva-nos a retomar o apontamento de ser elemento significativo para a motivação profissional as imagens que são construídas não só da profissão (das tarefas que lhe são inerentes cotidianamente), mas também das características de seus atores: os(as) professores(as), sendo a identificação pessoal com os sujeitos da ação docente em si.

Assim, o que está no imaginário social sobre o perfil e a postura de professor(a) influem na motivação (ou não) para seguir tal profissão; no caso da docência há uma forte associação de “bom profissional”, carismático, capaz de estabelecer empatia instantânea e indiscriminadamente, ser bastante “humano”, ter disposição de exercer sua tarefa com convicção e até certa dose de desprendimento. Não parece ser expressamente o caso de nossa protagonista, mas, conforme sinalizam Balinhas et al. (2013, p. 262):

O sacrifício se naturaliza como um componente quase inexorável da profissão docente. O mestre da renúncia de si, do sacrifício pelo outro, com o peso das condições de trabalho e de vida, marcam grande parte das representações da profissão que circulam na sociedade.

Tal reflexão se coloca como importante, porque no interior do grupo chegamos ao entendimento de que a imagem que temos da profissão reflete na identificação pessoal para com ela, donde deriva a motivação para exercê-la, como também na postura assumida para o exercício cotidiano dela. Têm-se movimentos conscientes e inconscientes, intrínsecos e extrínsecos, objetivos e subjetivos, na construção de uma motivação para o ingresso na carreira, mas também para a permanência nela; a mesma dinâmica também se aplica ao “tempo” em que esta motivação surge na vida dos sujeitos, ou quando se dá o “start” para a docência...

Nessa direção, a trajetória profissional de Ângela, iniciada fora da docência conforme já exposto, levou à busca de uma formação para “entrar na sala de aula”.

Consegui bolsa da prefeitura e entrei na faculdade de Pedagogia, ciente que meu objetivo era a sala de aula. Eu inclusive falava aos alunos da creche que iria dar aulas para eles após me formar. E realmente dei, pois após terminar

minha faculdade passei em concurso público para professora e minha segunda turma tinha mais ou menos uns quinze alunos que eu conhecera bebês, lá na creche..., crianças de quem eu conhecia a história, a família, foi muito gratificante realizar um sonho e uma promessa de que eu daria aula para eles.

[...] Na atribuição de aulas escolhi ser professora alfabetizadora, por ter sido esse o tema de minha monografia na faculdade, e não estava errada na escolha, amei trabalhar com alfabetização, pois é gratificante demais iniciar o ano com alguns alunos que apenas desenham letras e terminar o ano com todos alfabetizados, lendo e gostando de ler... Inspirava-me na professora Elza... (Excertos da carta de Ângela).

Salientamos novamente o encantamento da professora pelo exercício da docência, o crescente querer bem aos educandos, a generosidade e o comprometimento necessários à docência como nos ensinou Paulo Freire ao discorrer sobre os saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1996). A carta de Ângela, também evidencia a apropriação de outros ensinamentos freireanos:

O ensino de melhor qualidade é aquele que cria condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. Ler não apenas as cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. Escrever não apenas nos cadernos, mas no contexto de que participa, deixando seus sinais, seus símbolos. Contar não apenas números, mas sua história, espalhar sua palavra, falar de si e dos outros. Contar e cantar – nas expressões artísticas, nas manifestações religiosas, nas múltiplas e diversificadas investigações científicas. (Trecho da carta de Ângela).

Acreditamos que a “corporificação das palavras” (também no sentido freireano), do ser professor(a), permite(iu) à Ângela encontrar-se na profissão docente, mesmo quando foi obrigada, novamente pelas circunstâncias objetivas, a sair dela...

Após três anos como professora, apareceu a oportunidade de prestar concurso para o cargo de Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – em um campus que iria inaugurar na cidade em que eu resido [...] Optei em prestar o concurso por questões financeiras e não por não gostar da sala de aula, aliás, amo a sala de aula. Enfim fui aprovada no concurso e iniciei meu trabalho como pedagoga, no início bem perdida, saindo da realidade de alfabetizadora para trabalhar com adolescentes e adultos, pois os cursos oferecidos no IFSP eram na época somente técnicos concomitantes ou subsequentes. Estranhei no início, senti muita falta dos meus pequeninos alunos, mas sobrevivi, aprendi e continuo aprendendo muito.

[...] Durante o período em que fui pedagoga no IFSP também assumi a função de Diretora pró-tempore e de gerente educacional, que são cargos de gestão da instituição. Aprendi muito, porém tive a certeza que a sala de aula era o que me deixava feliz. (Excertos da carta de Ângela).

“Lembro até hoje...”: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/docência

Os desvios necessários na vida de Ângela só a fizeram ter certeza do desejo de exercer a docência; auxiliaram-na a ter clareza que, de alguma forma, atuar junto à formação de novas gerações era o que lhe traria satisfação. Tal entendimento/certeza moveram a professora a novos caminhos formativos e ao retorno à profissão:

Assim decidi cursar mestrado em Educação e desta vez fiz questão de ser em uma instituição pública. Prestei o processo na UEL - Universidade Estadual de Londrina, pois uma amiga me convidou. [...] Foram muitas viagens com saídas às 3h30 e retorno no mesmo dia às 22h, mas todas valeram muito. Nunca senti sono em minhas aulas lá. Aprendi muito e com certeza foi a base para a minha docência no Ensino Superior.

Após terminar o mestrado em 2014, prestei concurso para professora no IFSP e passei. Iniciei mais uma nova etapa, lecionar para futuros professores de Matemática e Física. No início foi um grande desafio, pois os alunos não davam muita importância às disciplinas pedagógicas, mas no decorrer do tempo fui mostrando a importância do conhecimento pedagógico.

[...] No início da docência nas licenciaturas eu era intitulada de professora pedagoga, que exige demais, “brava”. Cheguei até a ouvir de um aluno que era um absurdo uma matéria pedagógica demandar mais tempo com estudos do que as de exatas. Mas enfim, como relatei foi um processo de construção... No ano passado, como reconhecimento de todo esse trabalho, fui escolhida paraninfa da primeira turma de física e homenageada por uma das turmas de Matemática. Esse ano serei paraninfa de novo das duas turmas. Então acredito que é possível quebrar paradigmas e melhorar a educação ou, pelo menos, refletir mais sobre ela em todas as licenciaturas e não apenas nas de Humanas. (Excertos da carta de Ângela).

Ao longo da carta notamos um contentamento não somente latente, como comumente é notado em dizeres de professores(as) ao evidenciarem as justificativas racionais ou emocionais para suas escolhas profissionais, mas uma satisfação profissional (e pessoal) que salta aos olhos, apesar de ela perceber com clareza os percalços - objetivos e subjetivos, micros e macros - da docência...

Encerro este breve relato de parte de minha trajetória com uma citação de Terezinha Rios (2006), que muito caracteriza minha vida e meus anseios profissionais: “A melhor qualidade não é sinônimo de “qualidade total” [...] A melhor qualidade é, na verdade, uma “qualidade ausente” ...é uma “qualidade ausente”, na medida em que se coloca sempre à frente, estimula projetos, tem um caráter utópico. Como afirma Galeano (1994), “Ela está no horizonte (...) Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar”.

Como esclarece a autora, temos que sempre buscar a qualidade, mas termos a ciência que a melhor qualidade é a ausente, a que sempre busca melhorar, progredir, aprender, evoluir [...]

Embora não tenhamos perguntado à Ângela de forma direta “por que escolheu ser professora” ou qual sua motivação para continuar a “dar aulas”, encontramos as respostas implícitas ao longo de toda sua carta e de forma explícita em trechos como: “[...] crianças de quem eu conhecia a história, a família, foi muito gratificante realizar um sonho e uma promessa de que eu daria aula para eles [...]” e “[...] é gratificante demais iniciar o ano com alguns alunos que apenas desenham letras e terminar o ano com todos alfabetizados, lendo e gostando de ler... [...]” - já destacados, mas que merecem ser evidenciados novamente tendo em vista serem demonstrativos de nossas conclusões.

Para finalizar: pensando sobre motivações...

A escolha de uma profissão a ser exercida no futuro envolve uma série de condicionantes, que podemos classificar como fatores endógenos e exógenos. Chiavenato (2005, p. 215), afirma que “[...] para compreender a motivação humana, o primeiro passo é o conhecimento do que a provoca e dinamiza. A motivação existe dentro das pessoas e se dinamiza com as necessidades humanas”. Assim, buscar as histórias de vida dos sujeitos, ouvi-las pela voz de seus protagonistas, pode nos trazer elementos interessantes para compreender o conjunto dos estímulos que geram a motivação – ou os motivos.

Isso porque, de acordo com o mesmo autor:

Cada pessoa possui motivos ou necessidades que condicionam seu comportamento e que são pessoais e individuais, pois são determinadas por fatores que formam a personalidade, por traços biológicos e psicológicos e pelas características adquiridas pela experiência pessoal e aprendizagem de cada pessoa. Ademais, cada pessoa pode sentir e perceber seus motivos e necessidades de maneira diferente, em diferentes épocas ou situações. Apesar das diferenças individuais quanto às necessidades que regem o comportamento das pessoas, elas são basicamente semelhantes quanto à maneira pela qual fazem as pessoas organizarem seu comportamento para obter satisfação (CHIAVENATO, 2005, p. 215).

Ao considerar os relatos de nossa personagem observamos que, dentre seus motivos, estão: a necessidade premente de fazer opções, pressionada por acontecimentos fortuitos como a morte da mãe; a impossibilidade de se deslocar de seu local de residência para cursar uma universidade pública; e a experiência inicial como técnica administrativa num centro de convivência infantil que possibilitou os primeiros contatos com crianças pequenas, despertando seu interesse em ser professora delas.

O trecho do relato transcrito abaixo revela ainda sua satisfação pela realização de um “sonho” e pelo cumprimento de uma “promessa”.

“Lembro até hoje...”: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/docência

*[...] após terminar minha faculdade passei em concurso público para professora e minha segunda turma tinha mais ou menos uns quinze alunos que eu conhecera bebês, lá na creche..., crianças de quem eu conhecia a história, a família, foi muito gratificante realizar um **sonho** e uma **promessa** de que eu daria aula para eles. (Excertos da carta de Ângela, grifo nosso).*

Por outro lado, hoje é latente a indagação: o que leva uma pessoa a ser professor(a)? A simplicidade da pergunta sugere uma resposta também simples, como a que nos foi dada pela nossa protagonista em sua narrativa. Parece-nos evidente que o encantamento em conhecer as pessoas, ensinar e aprender com elas, em criar laços afetivos a curto e longo prazo, além da possibilidade de contribuir e observar o desenvolvimento de outros, parecem ser a grande motivação para ser professor(a).

Embora a resposta possa causar algum estranhamento em relação às que são comumente ouvidas daqueles que escolhem profissões tradicionais como a advocacia, por exemplo; ou ainda, as novas profissões - mais rentáveis - relacionadas ao uso e manutenção das novas tecnologias de comunicação, cujos atores são movidos pela já mencionada significativa remuneração e reconhecimento/prestígio social, nosso interesse está exatamente em entender os fatores que motivam as pessoas a seguirem uma carreira que sofre com um crescente movimento de promoção do seu descrédito, além de não ter a mais satisfatória das remunerações.

Dessa forma, o foco dessa discussão é trazer elementos para o debate que envolvam as motivações para a escolha do exercício da docência, feito a partir das reflexões suscitadas pela voz dos próprios docentes. No caso da narrativa evidenciada neste texto, a questão pode ser percebida por dois enfoques: o material e o afetivo, que, assim como constatamos, compõem as interfaces do objeto motivação e dão-lhe o caráter híbrido da subjetividade docente.

Referimo-nos ao aspecto material considerando que a docência, apesar de ser profissão desacreditada e até pouco valorizada, ainda é uma opção profissional que atrai muitos sujeitos, não somente por ser uma necessidade social. Afetivo porque, embora não partilhemos da ideia amplamente difundida de que “ser professor não é profissão, é uma missão”, entendemos que a motivação de ser professor(a) implica em sentimentos e experiências específicos, como as contidas no relato de Ângela, em que o decurso de suas experiências pessoais - na condição de aluna, filha e irmã - e profissionais, alteraram seus desejos e promoveram a mudança de suas escolhas direcionando-a para a docência.

Entendemos assim que a motivação é uma construção que coloca em movimento aspectos intrínsecos e extrínsecos do sujeito. Enquanto por estes compreendemos os fatores externos ao indivíduo, relacionados ao seu contexto histórico e material, como, por exemplo, a remuneração salarial, o prestígio e o reconhecimento social; por aqueles concebemos como sendo as motivações íntimas, as escolhas conscientes voltadas à satisfação das inclinações, predileções e propensões do ser, ou seja, a realização pessoal na atuação profissional.

Acreditamos que nossas reflexões trazem elementos que ratificam a Teoria da Autodeterminação (DECI; RYAN, 2000, 2008 citados por DAVOGLIO; SPAGNOLO; SANTOS, 2017) quando esta indica que a motivação autônoma (não só para a inclinação profissional) implica vontade própria e a ação deliberada, pressupondo assim que haja um direcionamento para uma determinada ação, independentemente do grau de valoração externa, fundamentada mais em interesses e valores significativos para a pessoa. No entanto, não se pode negar que fatores extrínsecos podem potencializar a motivação, desde que as experiências vividas provoquem a potencialização da identificação dos sujeitos com o sentido da ação de forma gradual.

Conclui-se que a motivação é um processo multifacetado, mas também contextualizado, que inclui elementos relacionais e afetivos em sua definição. Também podemos inferir, com base na narrativa trazida, que a motivação é um fator interior essencial para que o sujeito se predisponha a concretizar projetos, modificar situações de vida, conquistar novos postos de trabalho, adquirir conhecimentos, enfim, estabelecer as mais variadas mudanças em seu contexto existencial. A motivação, neste sentido, pode levar o sujeito a estabelecer um redimensionamento em seus propósitos iniciais, resultando em novas posições a serem assumidas diante da situação transformada.

Assim, finalizamos assinalando que, no espaço deste artigo, buscamos evidenciar que as singularidades dos eventos que experienciamos em nossa existência, registrados nas memórias que carregamos, marcados na narrativa de nossa protagonista Ângela, pela expressão “*Lembro até hoje...*”, são reveladoras do processo de transformação a que estamos sujeitos, não somente na trajetória de nossa vida pessoal, mas também na escolha de nossa carreira profissional.

Referências

- BALINHAS, V. L. G et al. Imagens da docência: um estudo sobre o processo de trabalho e mal-estar docente. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. XIII, n. 1-2 - p. 249- 270, mar./jun. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v13n1-2/10.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- DAVOGLIO; T. R.; SPAGNOLO, C.; SANTOS, B. S. Motivação para a permanência na profissão: a percepção dos docentes universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 175-182, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n2/2175-3539-pee-21-02-00175.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019.
- DOMINICÉ, P. A biografia educativa: instrumentos de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 143-153.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, Ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.
- PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, 8, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- PORTAL, L. L. F. Cartas: um universo desvelador de significados na formação do formador. In: ABRAHÃO, M. H. B.; FRISON, L. M. B. (org.). **Práticas docentes e práticas de (auto)formação**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNED, 2012. p. 91-118.
- REIS, P. G. As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, ano XIX, v. 15, n. 16, p. 17-34, jan./dez. 2008.
- SARMENTO, T. Aprender a profissão em diferentes espaços de vida. **Revista de Educação PUC – Campinas**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 237-248, set./dez. 2013.
- SOLIGO, R. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. In: BRAGANÇA, I. F. S.; NACAYAMA, B. C. M. S.; TINTI, D. S. (org.). **Narrativas, formação e trabalho docente**. Curitiba: CRV, 2018. p. 63-72.
- SOUZA, V. L. et al. Professora alfabetizadora: uma narrativa interrompida. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISAS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA, IV, 2019. **Anais...**, Três Lagoas: UFMS-CPTL, 2019. p. 161-171. Disponível em: <<https://speiufmscptl.wixsite.com/pedagogia/anais>>. Acesso em: 07 out. 2019.

Notas

ⁱReferimo-nos ao Grupo de Pesquisa “Profissão docente, identidade, representações e saberes” (GPDFIRS), da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Campus de Presidente Prudente.

ⁱⁱA investigação em questão conta com o apoio da CAPES.

ⁱⁱⁱNome atribuído pelos pesquisadores para preservar a identidade da professora.

Sobre os autores

Sílvia Adriana Rodrigues

Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, atuando na Graduação e Pós-Graduação nos câmpus de Corumbá e Três Lagoas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância(s) e Educação Infantil (GEPIEI-UFMS) e vice-líder do Grupo de Pesquisa Profissão Docente: Formação, Identidade, Representações e Saberes (GPDFIRS-FCT/UNESP). E-mail: silvia.rodrigues@ufms.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1249-3976>

Alberto Albuquerque Gomes

Sociólogo. Mestre e Doutor em Educação. Professor aposentado da UNESP e colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/UNESP. Líder do Grupo de Pesquisa Profissão Docente: Formação, Identidade, Representações e Saberes (GPDFIRS-FCT/UNESP). E-mail: albertofctunesp1990@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2260-322x>

Leandro Aparecido de Souza

Graduação em Letras. Mestre e Doutorando em Educação. Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Birigui. Membro do Grupo de Pesquisa Profissão Docente: Formação, Identidade, Representações e Saberes (GPDFIRS-FCT/UNESP). E-mail: leandrosouza100@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6939-5501>

Recebido em: 30/12/2019

Aceito para publicação: 22/01/2020